

A polícia dos costumes: medicina, higienismo e controle da sexualidade infantil no quarto final do século XIX¹

The customs police:
medicine, hygiene
and control of child sexuality
in the fourth quarter of the nineteenth century

*Emerson Benedito Ferreira**

RESUMO: A proposta deste artigo consiste em discutir o contexto e o sentido do termo 'onanismo', propagado com pontualidade em trabalhos científicos e periódicos da segunda metade do século XIX. A alocação do termo tinha o caráter de coibir a sexualidade de crianças e adolescentes por meio do discurso da enfermidade e da degeneração dos corpos. No compêndio, busca-se, de alguma forma, relacionar tais discursos médicos oitocentistas produzidos no Brasil com o dispositivo da sexualidade cunhado por Michel Foucault. O material utilizado para análise serão teses médicas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, bem como o periódico denominado 'A Mãe de Família', em um recorte que compreenderá os anos de 1834 a 1897.

PALAVRAS-CHAVE: Higienismo. Medicina. Infância. Onanismo. Michel Foucault.

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss the context and meaning of the term 'onanism' propagated with punctuality in scientific and periodical works of the second half of the nineteenth century. The term had the character of curbing the sexuality of children and adolescents through the discourse of disease and the degeneration of bodies. In the compendium, some attempt is made to relate such eighteenth-century medical discourses produced in Brazil with the device of sexuality coined by Michel Foucault. The material used for analysis will be Medical Theses of the Faculty of Medicine of Rio de Janeiro and Bahia, as well as the periodical called 'The Mother of the Family', in a cut that will comprise the years from 1834 to 1897.

KEYWORDS: Hygiene. Medicine. Childhood. Onanism. Michel Foucault.

É da anarquia em que neste ponto ainda nos achamos que provém esta quimera que domina os espíritos e que tem sido causa de tantos males, pelo exagero com que se tem desenvolvido a mania de legislar, tudo regulando, tudo prescrevendo, tudo proibindo, tudo abrangendo dentro de uma casuística meticulosa e impertinente, e perturbando, conseguintemente, a espontânea evolução

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Bolsista CNPq. emerson_ufscar@hotmail.com.

das forças progressivas do corpo social num regime positivo de ordem e disciplina (SALLES, 1891, p.41).²

O higienismo médico: a polícia dos costumes

Quando nos deparamos com acontecimentos ocorridos no século XIX, a sensação primeira é de que uma era estava terminando para que outra ocupasse aquele espaço. Legislações, códigos morais, atitudes higiênicas e espaço urbano foram alterados de forma tão significativa e em tão pouco espaço de tempo que podemos até imaginar o grande alvoroço causado naquela sociedade.

De forma resumida, tínhamos o Estado tentando interferir em diversas facetas da sociedade para impor as condições que ele achava conveniente. Neste contexto, esta busca pela ordem e disciplina fez com que setores da sociedade se mobilizassem para uma transformação de costumes e valores, onde a esfera familiar seria o alvo principal. De início, a própria família foi instada a fiscalizar uns aos outros em seu ambiente domiciliar, e depois, tal fiscalização foi ampliada internamente com a incursão de representantes da esfera médica e judicial nas residências, o que Foucault denominaria de ‘vigilância externa’. Então, tais setores passaram a penetrar nas famílias e começaram a controlar, arbitrar e corrigir todas as relações internas daquele ambiente, sendo as extravagâncias combatidas em primeiro momento pelos cuidados médicos (o que se convencionou chamar de higienismo³) e depois, por meio da intervenção do poder judiciário e poder de polícia (FOUCAULT, 2001).

Nesta linha de raciocínio, com o advento da socialização do corpo para o aumento da produção, acabou-se por transformar a medicina em uma estratégia biopolítica⁴ (LEME 2008, p.201). Esta estratégia seria para Donzelot “a proliferação de tecnologias políticas que irão investir sobre o corpo, a saúde, as formas de se alimentar e de morar, as condições de vida, o espaço completo da existência, a partir do século XVIII, nos países europeus” (1986, p.12).

Na verdade, em um olhar mais simplificado deste quadro, podemos resumir dizendo que, com forte influência das ideias iluministas e do liberalismo político, somados a um voraz capitalismo que se estabelecia, houve uma proposital e feroz intervenção do Estado na sociedade

que se dava em nome de uma suposta “felicidade” do Estado e do cidadão, e se fazia por meio de um organismo denominado por Donzelot (1986) de “polícia das famílias”. Este preceito, além de repreender, intervinha também em níveis qualitativos da população, sempre em nome de uma potência nacional.

Essa intervenção do Estado no âmbito social, por meio do higienismo, especialmente no núcleo familiar, também ocorreu em terras brasileiras. Jurandir Freire Costa (1979) em pesquisa⁵ sobre a intervenção médica na família brasileira desvendou que a medicina daria um salto qualitativo na primeira metade do século XIX passando de uma instituição desacreditada a uma importante faceta estatal que, mancomunada com o Estado, ditaria regras e estabeleceria normas na sociedade. É de se notar que, com o desembarque da Corte Real no Brasil, a classe médica expurga os falsos profissionais⁶ e passa a realizar no País uma medicina preventiva e acadêmica. De início, passa gradativamente a alterar o espaço urbano herdado pelos péssimos hábitos coloniais, perpassando por maneiras de comer e de vestir dos entes familiares e, concomitantemente, passa a criar Faculdades e Associações⁷ de medicina que serão a sementeira das pesquisas acadêmicas geradoras do fomento teórico necessário para que esta medicina social adentre futuramente nos lares, alterando posturas e moldando hábitos e culturas herdados desde os tempos primeiros da colônia. Com efeito, os médicos, antes representados por charlatões e profissionais sem expressão, passam neste instante da história a serem profissionais acessíveis à classe elitista, multiplicando-se em número e competência⁸.

Por outra vertente, estes mesmos médicos que outrora não se preocupavam com os cuidados dos atores familiares, contentando-se somente com o trabalho da Corte, agora, como discípulos do Estado, começaram a perceber que o caminho para o interior dos lares passaria obrigatoriamente pela moldura de condutas da nova geração. Assim, para educar os filhos daquela elite, o higienismo deveria valorizar o papel feminino, pois com a anuência da mãe-mulher, o poder patriarcal seria rompido⁹, deixando o caminho finalmente livre e desimpedido para a medicina social implementar as ações desejadas. Nota-se que medicina e Estado eram cara e coroa da mesma moeda, pois se por um lado a medicina necessitava do poder estatal para

legitimá-la como seu representante no combate a doenças e comportamentos nocivos à sociedade, o Estado usava a medicina como uma ferramenta especializada para moldar o cidadão da maneira que mais lhe convinha, ou seja, “a higiene congregou harmoniosamente interesses da corporação médica e objetivos da elite agrária” (COSTA, 1979, p.28).

Neste contexto, a valorização do ser humano em sua primeira idade já vinha sendo observada gradualmente desde o século XVI. Philippe Ariès, em seu clássico “A História Social da Criança e da Família” (1981), entoa que, de uma pequena criatura considerada outrora praticamente inexistente à faceta de prenda da casa burguesa, a criança teria ido do total desconhecimento a componente medido a peso de ouro pela família do século XIX. Ariès defende que, até o século XVI, a criança praticamente não era considerada, pois se não morresse prematuramente, misturava-se com os adultos nas lidas diárias, pulando a fase que hoje consideramos ‘infância’. Gradativamente, este adulto miniaturizado (OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010) foi sendo objeto de atenção pelos demais membros do lar, que começaram a paparicá-lo e, depois, a cuidar de suas dores e doenças. Os ensinamentos, que antes eram realizados oralmente¹⁰, passaram a ser objeto de aprendizagem em sala de aula, e então, este pequenino passou a ter na escola o alento para desenvolver-se como criança e a retardar sua ida para o trabalho, período este que seria então denominado de ‘infância’¹¹.

É possível, portanto, dizer que o despudor que em tempos anteriores existia (pois sem a fase de infância e sendo considerada como adulta esta criança possuía uma sexualidade acentuada), cessou com o surgimento do que Ariès denominou de sentimentos de infância¹². A paparicação e os cuidados com a saúde e o psicológico dos pequeninos fizeram com que - no entender dos moralistas e médicos higienistas - aquelas crianças que outrora conheceram o inferno, agora fossem “consideradas testemunhas da inocência batismal, semelhantes aos anjos¹³ e próximas de Cristo, que as havia amado” (ARIÈS, 1981, p.104). E então, dos cuidados com a saúde e higiene destas crianças, à inovação de uma atenção e carinho dispensados a elas pelos pais, estas ainda tenderiam a conhecer uma terceira atitude que, segundo Ariès (1981,

p.104), influenciaria “toda a educação até o século XX”: ‘a disciplina e a racionalidade dos costumes’.

Neste contexto e paralelamente à valorização da infância, a família elitista teria na figura da mãe a representante ideal desta nova missão de educar e moldar seus filhos como futuros representantes da nação, e esta mãe, com o enriquecimento da criança e o prolongamento de sua vida, teria doravante motivos de sobra para prezar e cuidar de seu pequeno rebento. Com efeito, a genitora dos bons costumes da nação seria instada a receber todos os ensinamentos e instruções daquela “polícia médica¹⁴”, que passaria a ditar o que as crianças deveriam ou não fazer, o que deveriam ou não comer, o que deveriam ou não vestir.

Foucault denomina este disciplinar de condutas e corpos, e adestramento dos usos e costumes da família de “docialização dos corpos”, pois “une o corpo analisável ao corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (1999b, p.118). E Costa, seguindo os caminhos trilhados por Foucault, passa a demonstrar como esta domesticação de corpos atraca no Brasil. Ele demonstra em seu trabalho como a medicina, em um primeiro momento, destrona o poderio do patriarca para, em sequência, colocar a mulher como responsável direta pela educação do filho. Esta atitude foi muito importante, pois a mulher seria a aliada ideal do Estado, coisa que o pai dificilmente aceitaria ser. Nota-se, portanto, que, por aqui - como lá, “a ordem médica vai produzir uma norma familiar capaz de formar cidadãos domesticados e colocados à disposição da cidade, do Estado, da Pátria¹⁵” (1979, p.161).

Seguindo esta linha de raciocínio, a medicina passa sequencialmente a atacar o poderio patriarcal¹⁶ com a finalidade de destroná-lo. Após modificar substancialmente a legislação vigente, o higienismo dá início a uma ofensiva à figura do adulto envelhecido. Isto era necessário, pois a imagem que se tinha era que o patriarca colonial, sábio e eficiente, era o único que detinha conhecimentos, e por consequência, era o titular da distribuição das regras no âmbito familiar. A medicina percebeu que a maneira de atacar sua sabedoria e desmoralizá-lo, era colocando-o como imprudente e incompetente. Então, a polícia dos costumes passa a

responsabilizá-lo pela elevada taxa de mortalidade das crianças (suas filhas ou agregadas). Assim, por incompetência paterna, os cuidados com os filhos deveriam ser entregues às mães, cabendo aos pais somente a proteção material da prole (COSTA, 1979), e no limite, sob aquele imaginário, “os filhos deveriam ser criados para amar e servir à ‘humanidade’ e não para amar e servir à família”. Era o Estado intervindo nos direitos dos filhos, colocando pai e mãe como tutores (material e moral), tirando-lhes a pecha de proprietários de prole, pois doravante o verdadeiro proprietário seria o próprio Estado, a nação, o país. (COSTA, 1979, p.170).

Como se vê, a polícia médica passa a apropriar-se da infância, e no âmbito familiar ou em escolas-internatos¹⁷, passa a preparar a nova geração para tornarem-se cidadãos moldados segundo os preceitos do Estado, e com a anuência da matriarca. No raciocínio, os hábitos deveriam ser melhorados, e as más condutas de tempos de colônia, extirpadas da sociedade, ou seja, o lema médico propagava que os bons hábitos seriam implantados “gradualmente na ‘alma dócil’, no ‘corpo tenro e flexível’, sem deixar marcas perceptíveis” (COSTA, 1979, p. 175).

Estabelecido isso, a medicina passa então a interferir nas ceifas consideradas basais da sociedade; tentando moldar o corpo de crianças e jovens, tendo como intuito final atingir o caráter e a moral do sujeito social. Neste emoldurar do corpo, os *costumes alimentares* foram regrados para frutificar em um corpo forte e com vitalidade (maneira de demonstrar o sucesso da intervenção higiênica); e, com efeito, erradicar o sedentarismo por meio de *práticas de educação física*, pois “a ociosidade é funesta ao corpo e a alma” (MELLO MORAES, 1872, p.321). Para esta melhora do corpo, os *espaços físicos foram alterados* tanto no interior das residências como nos colégios de tal forma que os ambientes passaram a ser limpos, secos e arejados, e dispostos de maneira a afastar atitudes maliciosas e preguiçosas. O *tempo* passou a ser medido em: tempo de alimentação, de sono, de estudos e de recreação, de modo que até este último fosse aproveitado de maneira formativa. (FOUCAULT, 1999a - 1999b; COSTA, 1979; GUIMARÃES, 1858). Porém, faltava ainda a domesticação do *sexo*, pois como veremos adiante a sexualidade era considerada nociva pelos médicos¹⁸. Com efeito, houve pelos higienistas a necessidade de separação dos alunos nos colégios por faixa etária, exatamente para tentar barrar

a crescente sexualidade que brotava nos jovens pela questão da puberdade. Nesta caça aos males sexuais, a atitude masturbatória foi a que mais recebeu recomendações e reprimendas da higiene, pois era ela considerada “um perigo avassalador para a saúde física, moral e intelectual dos jovens” (COSTA, 1979, p.187). Houve uma nova disposição da organização interna dos colégios na tentativa de combate ao onanismo. A excitação sexual deveria ser extirpada a todo custo¹⁹, e o marasmo dos alunos deveria ser combatido com exercícios físicos. Vestimentas deveriam ser examinadas a cada raiar de sol, e as cadeiras das salas de aula passaram a ser delineadas de forma a evitar compressão dos genitais. Enfim, como será exposto, “a masturbação era tratada como um crime, e o masturbador, como culpado” (COSTA, 1979, p.190).

Para dizê-lo de outra maneira, a criança que outrora não era fiscalizada sexualmente passou a ser objeto de perseguição da medicina pela sua nova valorização psicoeconômica. Assim, tudo que destoasse deste conceito passou a ser considerado atitude ilícita. A sexualidade fora do casamento, sem amor e sem procriação, passou a ser combatida duramente. Então, paixões extraconjugais, onanismo e atitudes homossexuais feriam a perfeita concepção médico-elitista de comportamento familiar ideal e, portanto, tão combatidos doravante.

Costa (1979) registra que o intuito da medicina de preparar a criança para servir plenamente ao Estado através da domesticação e da disciplina de seus corpos e de comportamentos foi atingido com êxito no final do século XIX. Assim, esta criança poderia retornar aos seus lares e ser de agora em diante cuidada por sua própria genitora, pois assumiria ela o papel de mãe higiênica²⁰.

Nas palavras de Foucault: “pais, cuidem de suas filhas excitadas e das ereções de seus filhos, e é assim que vocês se tornarão verdadeira e plenamente pais” (2001, p.315).

A necessidade de controle da sexualidade infantil: a nocividade do onanismo²¹

Um dia uma mulher veio me procurar porque o filho dela que tinha sua idade estava apresentando sintomas iguais aos seus. De repente o menino começou a se sentir muito

cansado. Vivia de olhos baixos, triste, deprimido. Ele evitava olhar nos olhos dos pais e pouco tempo depois ele também começou a mentir. Isso durou quase meio ano. Depois foi tudo muito rápido. Ele perdeu o apetite. Não dormia mais, as mãos começaram a tremer, e a memória a falhar. O rosto dele ficou coberto de úlceras e em seguida, o corpo dele. Ele acabou morrendo. O cadáver que eu fui abençoar parecia de um velho. (...) O que provocou estas mudanças que levaram este menino a uma morte tão horrorosa? (...) O menino acabou vendo alguém molestando os nervos mais sensíveis do corpo, na região onde Deus ergueu barreira sagrada. Ele imitou esse ato e não foi mais capaz de parar. Ele acabou destruindo estes nervos e morreu por causa disso (A Fita Branca).²²

Segundo a citação, o temor do onanismo era secular e parecia abarcar grande parte do ocidente. Nela, vemos o temor instalado na sociedade alemã um ano antes da Primeira Guerra Mundial. Mas o ataque aos atos impuros era datado já do século XIX e era veiculado também em periódicos brasileiros.

Registra-se que, no dia 15 de setembro de 1886, o jornal “*A Mãe de Família*”²³, com material científico assinado pelo médico Carlos Costa, tratou o onanismo da seguinte forma:

Vou encetar hoje o estudo do mais terrível dos vícios, causador de um grande número de moléstias, e até mesmo da loucura e do idiotismo. Refiro-me ao onanismo. (...) Os órgãos sexuais, quer do homem quer da mulher, são formados de tecidos que despertam sensações e se experimentam desde os primeiros meses de vida. (...) As crianças involuntariamente levam as mãozinhas a esses lugares e como o movimento causa prazer, continuam (1886, p. 130)²⁴.

Existia uma preocupação absoluta com o ato masturbatório. Mas como se verá no enunciado abaixo, para a medicina, a puberdade seria a etapa fundamental para se travar o combate a ‘tão indesejado mal’ e ‘tão vergonhoso costume’, pois “é justamente na segunda infância que a mais leve circunstância basta para despertar estes perigosos ardores” (GUIMARÃES, 1858, p.47). Ainda neste mesmo sentido:

Antes da idade de dez para doze anos esse fato nada produz de desagradável para a saúde, diretamente, mas o mau hábito fica iniciado, e quando as

crianças atingem a idade em que os sentidos genésicos são já desenvolvidos, começa o perigo e então, quando não são corrigidos a tempo, (...) torna-se um hábito, que eles tanto compreendem ser mau, que o fazem ocultamente, fugindo das vistas dos pais, dos professores e companheiros. É este hábito, isto é, o atrito continuado, produzido pelas mãos ou sobre o leito, dos órgãos genitais, que se chama Onanismo (COSTA 1886, p. 131).

Como se vê, a medicina elegeria, naquele século XIX, a masturbação como mal inexorável. Porém, no compêndio, este mau costume dos pequenos não poderia ser atribuído ao descuido das mães de elite, tão corretas e propagadoras da boa saúde:

Como já disse, este mau costume começa desde os primeiros meses da vida, nesta idade, muitas vezes, é ele devido a perversidade das amas ou das criadas, que o provocam para aquietar as crianças, porque elas sabem que isto lhes causa prazer. Eis já a necessidade da vigilância materna; eis já a necessidade da intervenção da senhora²⁵ (...) (COSTA, 1886, p. 131).

As amas por preguiça e para acalantar os meninos empregam os procederes que Rabelais atribui às criadas de Gargantua, lisonjerando-se de estabelecer uma calma filha da prostração que é muitas vezes seguida de uma forte irritação (GUIMARÃES, 1858, p. 46).

Logo, a mãe cuidadosa e higiênica, e que tinha no rebento advindo de seu ventre aquele pequeno ser que seria por ela preparado para conduzir o futuro da nação, não poderia ser tão irresponsável a ponto de ser denunciada por tão grave crime. Contudo, despreocupada ficaria, pois como se viu, esta pecha foi endereçada para aqueles a quem ela controlava com dinheiro, arrogância e poder.

Mas afinal, quais eram as consequências do ato masturbatório para o imaginário médico daquele período e quais os motivos de um combate tão ferrenho a tais costumes?

Para tentar responder a tais questionamentos, vamos recorrer a Michel Foucault. O filósofo Francês, ao lidar com tais questões, trouxe para a análise um termo por ele cunhado, denominado “dispositivo da sexualidade”. Este dispositivo, resumidamente, dispunha que:

Para o devido controle e regulação da sociedade, o dispositivo da sexualidade agiria estrategicamente em quatro vertentes: A primeira, saturando o corpo

feminino por meio da sexualidade. Este procedimento era necessário devido à importância do sistema reprodutivo deste corpo para o meio social (mulher histórica). Segundo, pedagogizando o sexo das crianças no intuito de se evitar a proliferação de doenças (fato corriqueiro no imaginário médico/elitista da época) e de moralizar condutas vergonhosas que poderiam, a longo prazo, atingir a própria nação (criança masturbadora). Terceiro, socializando condutas de procriação, ou seja, controlando e fiscalizando a fecundação dos casais, evitando uma reprodução desordenada das famílias (casal malthusiano). Quarto, psiquiatrizando o prazer perverso, onde se analisam as inúmeras anomalias dos indivíduos, afastando os anormais do seio social (adulto perverso) (FOUCAULT 1999; MISKOLCI 2013, apud FERREIRA, 2014, p. 149).

Com efeito, como prescreveu Foucault, a pedagogização do sexo era necessária por dois motivos: *primeiro* – para moralizar condutas vergonhosas, e *segundo* – para se evitar a proliferação de doenças. Embora nos pareçam fascinantes as quatro vertentes do referido dispositivo, neste trabalho, o que nos interessa será somente a faceta da criança masturbadora. É interessante notar que, pelos relatos existentes nos enunciados médicos alocados em trabalhos científicos e em periódicos especializados, observa-se que realmente existia uma preocupação de o ato masturbatório ser o veículo patrocinador de infindáveis doenças e distúrbios, e que tal ato não coadunava com o tom moralista e hipócrita que se pretendia doravante dar aos desígnios da nação, especialmente após instituir-se a República.

Dito isto, e para comprovar essa preocupação e esse espírito, vamos resgatar alguns enunciados históricos que foram objeto de pesquisas científicas da elite médica do século XIX.

Começamos nosso registro pelo trabalho do Médico Antônio José de Sousa Pinto, que em sua obra *Farmacopéia Química, Médica e Cirúrgica*, datada de 1834, faz o primeiro registro sobre o onanismo, salientando que:

Todas as espécies de leite são recomendadas na tosse, no reumatismo, na hemaptises, no fluxo hemorroidal, na tísica pulmonar, na atrofia, no onanismo (...) (1834, p. 49).

Doze anos depois, propriamente no ano de 1846, o tema volta à discussão na tese médica de Jacintho Pereira Machado, intitulada *Dissertação acerca da coréia ou dança de S. Guido*:

A isto respondemos que o onanismo não limita seus estragos somente no cerebelo, estende-os por toda a economia, enervando, esgotando, em uma palavra, aniquilando ou destruindo as pobres vítimas de seus terríveis efeitos (1846, p.35).

Passados dois anos do trabalho do doutor Machado, Laurindo Marques de Attaide Moncorvo, em sua tese intitulada *O casamento e seus casos de nulidade*, defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, colocaria desta maneira seu ponto de vista sobre o tema:

Semelhante a uma tenra e mimosa planta, que crestada pelos ardentes raios de sol, murcha e morre debaixo da influência de um bafo envenenado, assim também dotados de uma urbanização tão impressionável, contraem terríveis hábitos, e tornam-se tristes, languídos, e pensativos: os desejos de felicidade e de amor, tão belos e doces em sua sincera candura, transformam-se em chama devorante, e então o onanismo, este mal execrável e destruidor, alteram-lhes a saúde, decompõe-lhes as feições, e as conduz a uma morte prematura (1848, p.06).

Em sequência, no ano de 1849, com a tese *A Hipocondria*, Fernando Antônio Leal Júnior deixaria registrado que:

Os espíritos ardem na febre do ganho, e daí um sem número de vítimas da hipocondria e senão a Inglaterra que o diga, e a Alemanha que o confirme. Também são deste numero os diferentes cultos religiosos, as profissões que reclamam aturada aplicação de espírito, as afecções morais, a solidão, o desprezo, a ambição, o onanismo, e a perda da beleza nas mulheres (1849, p.08).

Nove anos depois do Doutor Leal Júnior, Antenor Augusto Ribeiro Guimarães em trabalho científico intitulado *A Higiene dos Colégios*, assim tratou do assunto:

Contraem os meninos desta sorte o hábito do onanismo que se aumenta por muito tempo com os anos. Repugna narrar os horrores de uma tal corruptela e enumerar as práticas singulares inventadas para satisfazer este abominável vício. É coisa notável e terrível, o onanismo é contagioso, uma só ovelha leprosa basta para contaminar um rebanho inteiro. (...) A julgar pela minha própria experiência em dez masturbadores em quem a saúde se alterou

imediate ou consecutivamente pode-se contar nove que se perderam no colégio ou em um internato. (...) Será a voz de um pai, de uma mãe, de um mestre ou muitas vezes de um medico discreto, manifestando horror e desprezo por um vício que enerva o corpo e a alma, que só poderá salvar a infância deste execrável hábito (1858, p.47)

É interessante notar como a parte final do relato do Doutor Antenor Guimarães sacramenta tudo o que foi dito na primeira parte deste trabalho, ou seja, quando o autor coloca a medicina em sincronia com a família e a escola, aclara o poder de condicionamento e indução desta entidade, bem como escancara a passividade da sociedade e sua admiração perante o intrincado e intocável conteúdo e os preceitos da medicina científica.

Em 1867, discutindo acerca das *Paralísias Funcionais*, o pesquisador Antônio Pacífico Pereira, futuro Doutor pela Faculdade de Medicina da Bahia, discutiria em seu trabalho científico a questão da masturbação, da seguinte maneira:

As paralisias eróticas, efeitos do onanismo, da espermatorreia, dos abusos venéreos, em geral; qualificados por Macario de funcionais, são devidas à deficiência de nutrição da medula, que deriva do estado anêmico ocasionado pelos excessos venéreos, e caracterizada no último período pelo estado que denominam – *tabes dorsalis*, ou esclerose espinhal (1867, p. 40).

Já o Doutor Antônio Bonifácio de Souza Brandão, com seu trabalho sobre a diabetes, intitulado *Glicosuria*, apresentada perante a Faculdade de Medicina da Bahia e publicada no ano de 1871, fez o seguinte registro:

As paixões deprimentes, as grandes emoções, um violento acesso de cólera, os excessos venéreos, o onanismo, a febre intermitente inveterada e os resfriamentos representam, na opinião de muitos autores, o papel de causas ocasionais da diabetes (1871, p. 07).

Naquele mesmo ano, Marianno Joaquim da Costa Ferreira, defendendo sua tese médica intitulada *Anomalia do Coração*, também perante a Faculdade de Medicina da Bahia, assim enxergou o onanismo em seu trabalho:

O Dr. Rayer leu perante a Academia de Medicina uma memória, em que ele chamava a atenção para um fato, que foi muitas vezes observado em aves; diz ele que notou que sofriam de moléstias do coração todas as aves, que se entregavam excessivamente aos prazeres sexuais. Pergunta ele depois; se pode considerar as lesões como resultado imediato de tal abuso. É hoje sabido que o abuso da cópula determina lesões, tanto que Naumann a cita como uma causa poderosíssima. Morgagni, porém, considera-a como um simples adjuvante; quanto a mim, creio que ambos têm razão. Krimmer considera o onanismo como circunstância favorável à evolução de tais moléstias. Sendo os resultados da cópula mui semelhantes aos do onanismo, e obrando ambos pelos seus efeitos consecutivos, se a cópula produz lesão cardíaca, por que razão não poderá produzi-la também o onanismo? (1871, p. 5-6)

Dois anos depois, o Médico Pedro Severiano de Magalhães, pela mesma instituição médica, defendeu a tese *Sintomas fornecidos pelos órgãos da circulação*, e encaixou a discussão do onanismo da seguinte forma em suas reflexões:

As palpitações podem apresentar-se mesmo no estado de saúde bastando para produzi-las uma carreira, uma impressão moral forte, etc. Mas ordinariamente, porém, revelam um estado mórbido do organismo, e dependem de moléstias diversas que podem ser divididas em dois grupos, conforme há ou não alteração do coração. As palpitações no primeiro caso chamam-se sintomáticas ou orgânicas; e idiopáticas, anorgânicas ou nervosas no segundo. (...) Trabalhos intelectuais, vigílias prolongadas, excessos de qualquer natureza, e principalmente o onanismo podem ser as causas deste fenômeno, que outras vezes se prende à existência de uma nevrose, tal como a histeria e a hipocondria (1873, p.54).

Já em 1875, com a tese científica *Do Diagnóstico e do Tratamento das Nevroses Viscerais*, o Médico Nuno Ferreira de Andrade trataria o onanismo com a seguinte visão:

Os gestos do demente exprimem, ‘a nulidade completa ou os sentimentos os mais caprichosos, bizarros, ocupando-se o demente em futilidades, ou em amontoar trapos, e imundícias, ficando sempre no leito, sempre brincando, vestindo-se de modo ridículo, etc.’. ‘...As mais das vezes observa-se neles uma certa voracidade, ingerindo coisas as mais repugnantes, parecendo não ter consciência do que fazem.’ ... Um grande número destes doentes, retidos nos asilos de alienados, se entregam-se ao onanismo e, muitas vezes, colige-se de

suas palavras indicações que levam o médico a lhes examinar os órgãos genitais e descobrir neles lesões ocultas (1875, p. 50).

Percebe-se no trabalho do Doutor Nuno Andrade uma preocupação com a sexualidade dos dementes internados nos asilos brasileiros. Também pudera, pois como veremos adiante, o onanismo naquele imaginário poderia ser o causador não somente das enfermidades físicas, mas também de degenerações patológicas oriundas de uma sexualidade anormal e desviante. Assim, o que havia de início era uma preocupação com o alvorecer do problema, ou seja, o impedimento do ato masturbatório na infância e na puberdade, mas também um bloqueio do ato quando o indivíduo já estivesse acometido pela demência ou se tornado um degenerado. Esta era a visão que se possuía do sexo solitário. Uma promiscuidade que abriria a caixa de pandora para todas as enfermidades possíveis e imagináveis. E muitas eram imaginadas naquele momento. Era o despontar da psiquiatria.

E o catálogo de enfermidades reservadas ao ato masturbatório não se fazia ter fim. João Henrique Braune confeccionaria também, naquele mesmo ano de 1875, seu trabalho final de pesquisa endereçado à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, intitulado *Diagnóstico diferencial entre as moléstias do estômago*, vindo a alertar que:

O exercício intelectual muito aturado, os prazeres, o abuso dos prazeres venéreos, a continência e o onanismo, atuando sobre o sistema nervoso, dão muitas vezes lugar a gastralgias. Schmidtman diz: ‘quando sou consultado por um mancebo afetado de gastralgia, logo suspeito que seja devida ao onanismo; as indagações posteriores a que procedo confirmam quase sempre o meu juízo’ (1875, p.40).

No ano de 1887, o Médico Ludwig Theodor Schreiner, com sua tese *‘Tratamento da retenção de urina’*, defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de certa forma assusta a classe médica por colocar o ato masturbatório em um andar adjacente ao de uma patologia desviante:

O onanismo, esse vício perturbador em extremo do organismo, tem levado certos indivíduos a introduzir no canal da uretra instrumentos, os mais variados na substância de que são fabricados, e na forma e volume que apresentam. Caneta, lápis, tubos de cachimbo, de barro ou de madeira, espigas de cereais, hastes metálicas diversas, grampos de prender cabelos, tudo enfim tem servido à imaginação pervertida. “Ainda não há muito tempo fui consultado por um negociante do Recife, que, tendo habito de onanizar-se com caroços de chumbo, que introduzia no canal da uretra, para com eles atritar sobre as paredes desse conduto, deixara alguns escaparem-se e irem ter à bexiga. Sem dificuldade compreende-se quantos traumatismos graves de uretra têm essa origem” (MALAQUIAS GONÇALES apud SCHREINER, 1887, p.32).

Neste mesmo ano (1887) o Médico Platão de Albuquerque Cavalcante, defenderia sua curiosa tese intitulada *Formas clínicas da Metrite*. Nela, pioneiramente, o autor discutiria o perigo do onanismo entre o sexo feminino:

O onanismo – um ato contra o qual os moralistas clamam é a masturbação. Nas jovens mulheres este vicio determina a leucorreia, depois a clorose, cuja causa é muitas vezes desconhecida. Ele dá frequentemente lugar à endometrite aguda. O médico é consultado por dores que a jovem doente sente na região lombar e hipogástrica; suas regras são acompanhadas sempre de dores e frequentemente são mais abundantes. É difícil nestes casos descobrir a verdade. As razões são duas: a primeira é que, sem algum pretexto, um médico não tem direito de dirigir a uma donzela perguntas que podem despertar em seu espírito, casto e puro, ideias que ela ignorava. Pode acreditar pelo exame que este seja a causa, mas o receio de enganar-se deve impedir de endereçar-lhe perguntas neste sentido. A segunda razão é que deve ter a mesma reserva com a família da jovem, porque a declaração de uma tal suspeita seria uma injúria para os parentes. É mister esperar as revelações e nunca provocá-las. Estas são feitas às vezes pela própria mãe que descobriu este vicio horrível em sua filha na tenra idade em que não tinha consciência do mal e que tem continuado apesar das reprovações maternas. Às vezes elas entregam-se freneticamente ao onanismo, e mesmo quebram os aparelhos destinados a impedi-lo. Outras vezes é a própria doente que confessa seu vício depois de ter o médico empregado proveito os meios de debelar as perdas brancas, as hemorragias uterinas, as dores; elas revelam confidencialmente ao facultativo que julgam seu mal incurável, porque são dadas ao onanismo e nada pode acalmar-lhes os desejos; nos raros instantes em que seu furor uterino é acalmado inspira-lhes o vício horror, mas não podem resistir-lhe (1887, p.17).

Espero que o leitor possa-nos indultar por uma citação tão longa, mas ela se fez necessária por dois aspectos: o *primeiro* diz respeito ao fato de que, a partir deste trabalho, a medicina passaria a dirigir seu olhar também para a masturbação feminina, elevando a discussão científica para a nocividade do ato em ambos os gêneros. O *segundo* é que a citação coloca novamente em evidência o caminho traçado pela medicina para sondar, interceder, interpelar e moldar condutas para, efetivamente, construir o adolescente ideal, aquele livre das amarras da anormalidade. Com efeito, nota-se que o caminho ditado pelo Doutor Platão, para adentrar nos domínios familiares, foi exatamente aquele elencado no início deste trabalho. Dito isto, passamos adiante.

É importante destacar que o ato masturbatório, a partir do trabalho de Cesare Lombroso²⁶, passou a ser visto como um precursor da degenerescência²⁷ nos pequenos. Em sua obra *O Homem Delinquente*, datada de 1876, o médico psiquiatra avolumaria a periculosidade da sexualidade considerada fora dos padrões, veiculando a atitude masturbatória da seguinte forma:

Nem quando limitado pelo desenvolvimento incompleto faltam as tendências obscenas desde a primeira idade, de 3 a 4 anos. Em todos os asilos, foram apresentados um ou dois meninos dedicados ao onanismo. Todos os amores anômalos e monstruosos, como quase todas as tendências criminosas, têm princípio na primeira idade. (...) Ouvi falar de um camponês de 37 anos, com pai alcoólatra, tio alienado, mãe e irmã nervosas e melancólicas, um irmão demente, ele mesmo com problemas cefálicos. Aos 15 anos, vendo secar ao sol um avental branco, apossou-se dele, enrolou-o no corpo e se masturbou (LOMBROSO, 2007, p.70 - 78).

Lombroso deixaria adeptos no Brasil, tanto na seara jurídica com a Escola Positiva, quanto nos trabalhos e nas pesquisas relacionados à medicina. José de Oliveira Ferreira Jr., em tese intitulada *Da Responsabilidade Legal dos Alienados*, publicada em 1887 (certamente influenciado por Morel e Lombroso), discorreria sobre a degenerescência e o onanismo da seguinte maneira:

A vida dos degenerados, desde a infância até a virilidade, não deixa de despertar a atenção de todos pelas circunstâncias particulares e pelas peripécias que quase sempre a acompanham (...). Com efeito, nessa época, alguns acidentes (...) tomam grande violência e apontam muitas vezes o destino desses infelizes. A demência precoce nestes casos tem como elemento etiológico preponderante o onanismo, ao qual se entregam com maior desenfreamento os degenerados na época da puberdade: destarte a dissociação das faculdades já de si fracas, é a consequência inevitável desse terrível vício (1887, p.57 - 70).

Percebe-se na pena e na tinta do Dr. Ferreira Jr., a avaliação de que o ato masturbatório também poderia produzir distúrbios de ordem psicológica. Assim, como já fizemos notar anteriormente, o onanismo não seria apenas um propagador de doenças fisiológicas, mas também poderia gestacionar e incubar a degenerescência no ser. No limite, explica-se a necessidade de coibir o ato na infância e na adolescência, e afastar os anormais do seio social quando adultos; pois, como prescreveria o próprio médico, “a sequestração dos alienados tem dois fins igualmente úteis: - a proteção da sociedade, e a do indivíduo” (FERREIRA JR., 1887, p.47).

E seria sempre nesta direção, enquadrando e afastando os degenerados e, concomitantemente, medicando, estabelecendo seus conceitos e direcionando a sociedade para o caminho considerado saudável que a medicina ordenava seus passos. Neste caminhar, a medicina estabelecia nova modalidade de ordenamento. Ora, se inexistia a possibilidade de os anormais serem enquadrados pela polícia e pela justiça por não terem cometido qualquer delito tipificado no ordenamento jurídico, a medicina usaria a norma para enclausurar os indesejáveis e higienizar os ambientes, afastando-os, de maneira análoga, do convívio social.

Seguindo os estudos de Platão de Albuquerque Cavalcante, o Médico Vicente José da Maia faria nova pesquisa acerca da masturbação feminina. Desta feita, com o trabalho ‘*A menstruação na etiologia das nevroses e psicoses*’ publicada no ano de 1897, a medicina demonstraria sua preocupação com pacientes do sexo feminino já afastados da sociedade (idiotas e imbecis) por suas próprias condições. Mesmo estas meninas e mulheres, vítimas do

enclausuramento e afastadas do convívio social, deveriam ser imunizadas dos malefícios do onanismo:

Em concomitância com os acessos erotoninfomaníacos são habituais os atos masturbantes de consequências tão desastrosas: essa masturbação ou limita-se às épocas menstruais, acompanhando o organismo veneriano ou torna-se, ao cabo de algum tempo, um hábito diário, abusado com enorme prejuízo, sobretudo pelas pobres de espírito, as idiotas e as imbecis. (...). É este o pensar de Negrier, baseado em várias autópsias de jovens que se masturbaram loucamente aos dez anos, tendo as regras abundantes aos doze e nas quais encontra os ovários notoriamente hipertrofiados, ao inverso do que observa em outras, cuja menstruação tardia corresponde a ovários diminutos (MAIA, 1897, p.78-79).

Agora, o onanismo, além de causar males fisiológicos e psicológicos, também seria o precursor de uma adolescência precoce, conforme concluiu o Doutor Maia.

No raciocínio, e em busca de um objetivo final, podemos asseverar que o discurso sobre o onanismo - vulgarmente apelidado de masturbação - propagar-se-ia e bateria nos portões do século XX, condicionando-o como uma das maiores enfermidades sexuais já inventadas e registradas por aquela nova ciência, e, carregando nas tintas, podemos afirmar com relativa certeza que tal discurso se transformaria em um dos principais veículos que a medicina usaria para higienizar e controlar a sexualidade infantil, usando-o como elemento normativo - uma espécie de curinga - versátil e polivalente, uma enfermidade moldável, extremamente útil para moralizar condutas e afastar os indesejáveis do convívio social, um instrumento para a medicina pesquisá-los, medi-los, esquadrinhá-los, medicalizá-los, isolá-los, enclausurá-los e idealizá-los quando o horizonte social e as normas de conduta se apresentassem convenientes para tanto.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete. O direito das crianças à educação infantil. **Pro-Posições**. Universidade de Campinas. Campinas - SP, v.14, n.3 (42), set./dez. 2003, p. 13-24.

ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ, Diana; RODRIGUES, Tatiana Cosentino. Infâncias em educação infantil. **Pro-Posições**. Campinas, v.20, n.3 (60), p.179-197, set./dez.2009.

ANDRADE, Nuno Ferreira de. **Nevroses Viscerais**. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typ. Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BELUCHE, Renato. **O corte da sexualidade: o ponto de viragem da psiquiatria brasileira no Século XIX**. São Paulo: Annablume, 2008.

BRANDÃO, Antônio Bonifácio de Souza. **Glicosuria**. Tese. Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: Tipografia de J. G. Tourinho, 1871.

BRAUNE, João Henrique. **Diagnostico diferencial entre as moléstias do estômago**. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tip. Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

CAVALCANTE, Platão de Albuquerque. **Formas clínicas da Metrite**. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Laemmert & C., Editores, 1887.

COSTA, Carlos. Moléstias das crianças. **A Mãe de Família**. São Paulo, 15 set. 1886, 8º Ano, nº 17, pp. 130-131.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FERREIRA, Emerson Benedito. **Crianças Infames: fragmentos de vidas no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto**. 2014. 182. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

_____. Pequenos indesejáveis: crianças pobres e delinquentes em páginas de um periódico na Ribeirão Preto do início do século XX (1910-1918). In: LOPES, Mário Marcos; FERREIRA, Emerson Benedito (orgs.). **Pesquisas em educação: concepção, prática e valores**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

FERREIRA, Marianno Joaquim da Costa. **Anomalia do coração**. Tese. Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: Tipografia do Diário, 1871.

FERREIRA JR., José de Oliveira. **Da Responsabilidade Legal dos Alienados**. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Carioca, 1887.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**: Curso no Collège de France (1974-1975) – Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. - Rio de Janeiro: Graal, 1999 (a).

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999 (b).

GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. **A Higiene dos Colégios**. Esboço das regras principais, tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais segundo as quais se devem reger os nossos colégios. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858.

KATZ, Michael; ARNDT, Stefan; HANEKE, Michael. **A fita branca**. (título original: Das Weisse Band. [filme]. Produção de Michael Katz e Stefan Arndt; Direção de Michael Haneke. Alemanha/França/Áustria/Itália, 2009, 144 min. P&B. Son.

LEAL JÚNIOR, Fernando Antônio. **A Hipocondria**. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1849.

LEME, José Luís Câmara. Clínica da saúde e biopolítica. In: JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque; NETO, Alfredo Veiga; FILHO, Alípio de Souza (orgs). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

LOMBROSO, Cesare. **O Homem delinquente**. Tradução de Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2007.

MACHADO, Jacintho Pereira. **Dissertação acerca da coreia ou dança de S. Guido**. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1846.

MAGALHÃES, Pedro Severiano de. **Sintomas fornecidos pelos órgãos da circulação**. Tese. Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: Tipografia de J. G. Tourinho, 1873.

MAIA, Vicente José da. **A menstruação na etiologia das nevroses e psicoses**. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1897.

MARCÍLIO, Maria Luíza. **História social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARTINS, João Vicente. **A prática elementar da Homoeopatia pelo Doutor Mure**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Tip. De Pinheiro & Cia., 1866.

MELLO MORAES, Alexandre José de. **Dicionário de medicina terapêutica homeopática**. Tipografia Nacional, 1872.

MONCORVO, Laurindo Marques de Attaide. **O casamento e seus casos de nulidade**. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia de Francisco de Paula Brito, 1848.

MONCORVO FILHO. Carlos Arthur. **Higiene infantil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. Infância, raça e "paparicação". **Educ. Rev.** (online). 2010, vol.26, n.2, pp. 209-226.

PEREIRA, Antônio Pacífico. **Tese que apresentou à Faculdade de Medicina da Bahia para ser sustentada em novembro de 1867, a fim de obter o grau de doutor em medicina**. Bahia: Tipografia de Tourinho & Companhia, 1867.

PINTO, Antônio José de Sousa. **Farmacopéia Química, Médica e Cirúrgica**. Ouro Preto: Tipografia de Silva, 1834.

SALLES, Alberto. **Ciência política**. São Paulo: Teixeira & Irmão Editores Proprietários, 1891.

SCHREINER, Ludwig Theodor. **Tratamento da retenção de urina**. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tip., litografia e electrotipia a vapor Laemmert & C., 1887.

Artigo recebido em 02 de abril de 2017. Aprovado em 26 de maio de 2017.

Notas

¹ Parte deste texto é oriundo do primeiro capítulo de minha Dissertação de Mestrado intitulada “Crianças Infames: fragmentos de vidas no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto” defendida em 2014 pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR.

² Ao longo de todo o texto onde existem transcrições de documentos de época, os mesmos serão transcritos respeitando-se a pontuação e a gramática originais, mas atualizando-se a ortografia das palavras.

³ Neste sentido: “É no interior de vossas casas que deveis manter todas as condições que exige hoje a boa higiene, para que vossos filhos sejam poupados a esse número extraordinário de moléstias, entre as quais tanta gravidade apresentam as contagiosas” (MONCORVO FILHO, 1907, p.60).

⁴ Sobre o conceito de biopolítica, Abramowicz, Levcovitz e Rodrigues explicitam que: “O termo Biopolítica, o poder sobre a vida, foi cunhado por Foucault e refere-se à lógica do capital sobrepondo-se ao corpo e à vida, o poder se apropria da vida e a produz. Dessa forma, o corpo é uma realidade biopolítica, a lógica do biopoder para Foucault é aquele que faz viver e deixa morrer” (2009, p.181).

⁵ Esta pesquisa ensejaria a obra: “Ordem Médica e Norma Familiar”, publicada em 1979 pela Editora Graal.

⁶ Schwarcz entoa que a medicina dos primeiros períodos era praticada por “barbeiros, sangradores e práticos” (1993, p.256).

⁷ Costa (1979) cita duas instituições que foram fundamentais para o avanço da medicina social. A fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 1829, e a Junta Central de Higiene Pública, em 1851, também na cidade do Rio de Janeiro. Derivado destas iniciativas, cria-se a Lei de três de outubro de 1832, que institui e regulariza as Escolas e Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e Bahia.

⁸ Schwarcz contribui dizendo que, com a implementação da Lei de outubro de 1832, as faculdades começaram a conceder títulos de doutor em medicina, de farmacêutico e de parteiro, o que elevaria o perfil socioeconômico dos alunos. Salienta ainda a autora que “principalmente a escola carioca era frequentada por uma clientela privilegiada em termos econômicos” (1993, p.257).

⁹ Costa explana que o caminho que o higienismo usou para chegar no âmbito familiar e estabelecer-se foi colocar em descrédito o poder paterno, colocando a criança como personagem principal da família com a ajuda da genitora, outrora totalmente submissa e voltada aos afazeres domésticos. Segundo o autor, “nem sempre o neném foi ‘majestade’ na família. Durante muito tempo, seu trono foi ocupado pelo pai” (1979, p.155).

¹⁰ “A informação útil tinha sua fonte no passado. A vida em família era permanentemente exercício de escuta do que passou” (COSTA, 1979, p.158).

¹¹ Anete Abramowicz ensina que este período denominado infância “tem-se constituído em alvo de saberes e poderes que vem sendo construído e modificado ao longo da história, e vem sendo configurada como categoria

social”. Acrescenta ainda a autora que são muitas as linhas que influenciam nesta produção de infância, citando: “políticas, econômicas, jurídicas, médicas, sanitárias, religiosas e educacionais” (2003, p.16).

¹² Segundo Sônia Kramer, Ariès tinha no sentimento moderno de infância “duas atitudes contraditórias dos adultos: uma considera a criança ingênua, inocente e pura, e é trazida por aquilo que ele chamou de “papuricação”; a outra surge simultaneamente à primeira, mas contrapõe-se a ela, tomando a criança como um ser imperfeito e incompleto, que necessita da “moralização” e da educação feitas pelo adulto” (1996, p.19). Oliveira e Abramowicz salientam que este sentimento de infância se faz presente de início “nas classes sociais mais abastadas (na aristocracia)” (2010, p.217).

¹³ “A criança só era relevante para o catolicismo enquanto signo de pureza e inocência (...). A criança venerada pela religião era o ‘anjo’ (COSTA, 1979, p.160). Neste mesmo sentido, é o entendimento de Anete Abramowicz e Fabiana de Oliveira (2010, p. 40).

¹⁴ “Polícia médica passa a ser definida como o conjunto de teorias, políticas e práticas que se aplicam à saúde e bem-estar da população, dizendo respeito a: procriação, bem-estar da mãe e da criança, prevenção de acidentes, controle e prevenção de epidemias, organização de estatísticas, esclarecimento do povo em termos de saúde, garantia de cuidados médicos, organização da profissão médica, combate ao charlatanismo” (COSTA, 1979, p. 32).

¹⁵ “A criança será educada no interior do que é ter uma infância, mas na direção de se tornar um adulto que se constituirá em um povo e uma nação” (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010, p.40).

¹⁶ Sobre esta discussão, conferir Costa (1979, p.157).

¹⁷ Neste sentido, Foucault salienta que “os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos e aos professores, também dão conselhos às famílias; os pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades; os professores se voltam para os alunos, fazem-lhes recomendações e para eles redigem livros de exortação, cheios de conselhos médicos e de exemplos edificantes” (1999a, p.30-31). Segundo Abramowicz, no século XIX, “a infância passa a ocupar um lugar privilegiado: nascimento de uma espécie de Estado protetor, no lugar do pai, por meio de criações institucionais, o internamento das crianças (em escolas e internatos) e a mulher chamada a ser mãe, papel que é solicitado e preservado” (1995, p.80).

¹⁸ Foucault ensina que, neste momento, instaurou-se o que ele denominaria de “medicina do sexo” (1999a, p.55) e que os dogmas desta medicina apregoavam que “a precocidade sexual provocaria mais tarde a esterilidade, a impotência, a frigidez, a incapacidade de sentir prazer, a anestesia dos sentidos”.

¹⁹ Eis os tratamentos antimasturbatórios prescritos por alguns higienistas da época: “Bromuretos de potássio; cânfora; sódio, amônia; lúpulo e calmantes (...) camisola de força, infibulação, clitoridectomia, neurotomia ísquioclitóridiana, e aderência dos grandes lábios” (CAMILO, 1886 apud COSTA, 1979, p.190).

²⁰ “A higiene utilizou amplamente esta tática: apropriou-se das crianças, separando-as dos pais e, em seguida, devolveu-as às famílias convertidas em soldados da saúde” (COSTA, 1979, p. 204).

²¹ Sobre Onanismo, usaremos o conceito forjado no próprio século XIX pelo médico João Vicente Martins: “Muitas vezes o homem, em lugar de usar, segundo o voto da natureza, dos órgãos que Ela lhe deu para reproduzir, abusa da maneira a mais detestável e funesta, tornando-os o instrumento de um prazer solitário. Este vício, muito mais comum do que se pensa, chama-se onanismo ou masturbação” (1866, p.551).

²² (KATZ; AENDT; HANEKE, 2009).

²³ Foi um jornal Científico e Literário que tratava especificamente da Educação da Infância e da Higiene da Família.

²⁴ Esta edição era a de número 17, 8º ano, e os comentários estavam nas páginas 130 e 131.

²⁵ Neste sentido, Renato Beluche, citando Meirelles (1847), explicita que “a desqualificação das amas se deu, em primeiro lugar, pelos seus maus cuidados, pois, se a mãe ‘despreza seu filho para tratar o de outra, é uma mãe má, e como poderá ser boa ama?” (2008, p. 66).

²⁶ (Verona, 06 de novembro de 1835 — Turim, 19 de outubro de 1909) foi um psiquiatra, cirurgião, higienista, criminologista, antropólogo e cientista italiano.

²⁷ Serpa Jr. (2010) citando conceito de Benedict Augustin Morel, entoa que a “ideia mais clara que nós poderíamos formar de degenerescência da espécie humana é de representá-la como um desvio doentio de um tipo primitivo. Este desvio, por mais simples que possamos supô-lo, em sua origem, traz em si, todavia, elementos de transmissibilidade de uma tal natureza que aquele que porta o germe torna-se cada vez mais incapaz de cumprir sua função na humanidade, e o progresso intelectual, já travado na sua pessoa, encontra-se ainda mais ameaçado na dos seus descendentes” (apud FERREIRA, 2015, p. 208)